

# Faces de uma mesma moeda: reportagens do repórter político Murilo Melo Filho nas revistas Maquis e Manchete (1956-1959)

Caio Cuzzo  
Pereira  
Doutorando do PPHR/  
UFRRJ.

Recebido: 16/06/2021  
Aprovado: 06/09/2021

## RESUMO:

As revistas Maquis e Manchete apresentavam linhas editoriais aparentemente antagônicas. Enquanto a primeira foi criada em 1956 como uma instituição de oposição ao governo Juscelino Kubistchek, a segunda atuou no período dando publicidade em matérias jornalísticas ao projeto desenvolvimentista de JK, principalmente a construção de Brasília. Na redação de ambas trabalhava o repórter político Murilo Melo Filho, jornalista que construiu uma extensa carreira no campo da imprensa do Rio de Janeiro. Em função disto, o presente artigo pretende comparar as reportagens escritas por Melo Filho nas revistas Maquis e Manchete objetivando reunir indícios que auxiliem a corroborar a hipótese proposta de que o lugar de onde se fala foi determinante para estabelecer diferenças em como se constrói a escrita das reportagens produzidas pelo jornalista nas duas revistas.

## PALAVRAS-CHAVE

Imprensa; Jornalismo; Política

## Introdução

O ano de 1958 foi de tranquilidade política. Murilo Melo Filho, numa reportagem em *Manchete*, assinalou-o de forma expressiva: “JK sopra duas velinhas no bolo da Legalidade”.<sup>1</sup>

Semanalmente, eu ia a Brasília com o fotógrafo Jáder Neves e trazíamos textos e fotos para publicarmos na *Manchete*. [...]. Foi aí que *Manchete* cresceu na onda de Brasília. Os leitores queriam saber se aquela aventura era uma obra realmente para valer ou não.<sup>2</sup>

Quando escreveu o terceiro volume de suas memórias, Juscelino Kubistchek citou duas vezes reportagens do jornalista Murilo Melo Filho publicadas na revista *Manchete*. Além do trecho transcrito acima, Kubistchek utilizou uma matéria na qual o jornalista elencava os graves problemas enfrentados por seu governo e encerrava garantindo que a fase de instabilidade havia sido superada e que JK teria certeza que conseguiria finalizar seu mandato presidencial.<sup>3</sup>

De fato, a historiografia brasileira já evidenciou como a ascensão política de Kubistchek ao Catete foi um tempo atravessado por tensões políticas que resultaram em ameaças de rupturas institucionais no jogo democrático do país. Não iremos nos estender detalhadamente sobre esses episódios e apresentaremos apenas um exemplo panorâmico desse cenário instável. Ainda na fase eleitoral, Kubistchek teve que superar a tentativa de seus adversários políticos de formalizar uma candidatura única, de “união nacional”. O ex-governador de Minas Gerais era visto como um dos herdeiros do getulismo e por isso sua aspiração à presidência representava um alerta para aqueles que combateram Getúlio Vargas na crise de 1954.

Sua vitória nas urnas recrudescer os ânimos. Declarações públicas de militares, políticos e jornalistas indicavam que havia em curso uma articulação para obstaculizar a posse de JK no cargo. As operações militares deflagradas pelos generais Henrique Teixeira Lott e Odílio Denis no decorrer de novembro de 1955 garantiram que se respeitasse o resultado do pleito. Todavia, o mandato de JK na presidência foi marcado por uma dualidade de perspectivas. Enquanto a execução do Plano de Metas buscava direcionar o Brasil para o progresso industrial, eclodiam crises políticas, sociais e militares que ameaçavam interromper o projeto desenvolvimentista.<sup>4</sup>

A despeito disso, foi construída e difundida uma imagem sobre o governo Kubistchek como

---

1 Juscelino Kubistchek, *Meu caminho para Brasília: 50 anos em 5*. Volume III. Brasília: Senado Federal, 2020. P. 204.

2 Murilo Melo Filho, *Testemunho Político*. 2ª Edição. São Paulo: Editora Elevação, 1999. P. 225.

3 Kubistchek, *Meu caminho para Brasília: 50 anos em 5*. P. 269.

4 Para a historiadora Maria Victória de Mesquita Benevides, Kubistchek conseguiu se manter no cargo graças a um equilíbrio instável sustentado por uma estrutura tríplex: apoio armado (Ministério da Guerra e Departamento Federal de Segurança Pública), suporte político (maioria no Congresso graças a aliança PSD-P-TB) e política econômica desenvolvimentista (Plano de Metas). Sobre o tema, ver: Maria Victória de Mesquita Benevides, *O governo Kubitschek. Desenvolvimento econômico e estabilidade política*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1976.

a época dos “anos dourados” da democracia brasileira (1946-64). A revista *Manchete* (1952-2007), do gráfico Adolpho Bloch, teria sido protagonista na publicidade dessa imagem. No decorrer dos anos, Kubistchek e Bloch estabeleceram uma relação de amizade que perduraria até a morte do primeiro. De acordo com a historiadora Rose Guerra Amorim, essa ação de *Manchete* é mais perceptível após o término do mandato de JK pois a revista estaria objetivando apoiar seu retorno ao poder nas eleições políticas previstas para 1965 mas nunca realizadas graças ao golpe militar de 1964.<sup>5</sup>

Essa síntese nos leva ao segundo trecho citado anteriormente, retirado das memórias do jornalista Murilo Melo Filho. Por elas, se apreende que ele foi um ponto de ligação entre JK e *Manchete*. As referências a Filho feitas por JK parecem também corroborar esse cenário. O livro do jornalista contém diversas passagens sobre suas experiências *in loco* durante a construção de Brasília. Tais indícios nos fizeram questionar se o jornalista havia participado da construção da imagem dos “anos dourados” nas páginas da revista *Manchete*, especificamente durante o período de sua permanência concomitante na redação de *Maquis*.

A pergunta possui uma razão de ser que vai além da estratégia adotada por *Manchete* em relação à imagem de JK. O jornalista Murilo Melo Filho era também repórter político do *Tribuna da Imprensa*, jornal diário que se notabilizou pelo enfrentamento à Vargas e que se posicionou contra a posse de Kubistchek através do seu proprietário, Carlos Lacerda. No *Tribuna*, Melo Filho conviveu diariamente com o jornalista Fidélis dos Santos Amaral Netto que, em 1956, fundou a revista *Maquis*. Desde o princípio da revista o nome de Melo Filho está registrado no expediente como um dos seus redatores. Permaneceu trabalhando lá até 1960, quando se mudou para Brasília para fundar a sucursal de *Manchete* na nova capital.<sup>6</sup>

Diferentemente de *Manchete*, não encontramos pesquisas sistemáticas sobre *Maquis* na historiografia brasileira. Existem citações esparsas a revista em pesquisas que versam sobre personalidades políticas da oposição à JK ou acerca do contexto político do período. É recorrente a descrição sobre o episódio em que *Maquis* teve sua edição apreendida pela polícia por republicar um artigo de Carlos Lacerda no *Tribuna da Imprensa* que atacava o governo Kubistchek.<sup>7</sup>

Em função disso, o presente artigo se desenvolve em mais quatro partes. A seguir, tentaremos reconstruir a trajetória profissional de Murilo Melo Filho no campo da imprensa a partir de indícios encontrados em fontes diversas. Após, analisaremos as reportagens sobre política e militarismo veiculadas pelo jornalista em *Maquis*. Por conseguinte, compararemos esses resultados com a atuação de Melo Filho em *Manchete*. Em posse do conjunto de indícios apresentados, demonstraremos na conclusão que o lugar de onde se fala foi determinante na forma como se constrói a escrita do jornalista.

---

5 Rose Mary Guerra Amorim, *O governo JK e a revista Manchete: a criação do mito dos anos dourados*. (Mestrado em História) Rio de Janeiro: FGV-CPDOC, 2008. P. 60.

6 Filho, *Testemunho Político*. P. 226.

7 John Dulles, *Carlos Lacerda, A vida de um lutador (1914-1960)*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. P. 250.

## Trajatória profissional

Murilo Melo Filho nasceu em Natal (RN) em 1928 e ainda jovem começou a trabalhar na imprensa de sua cidade. Aos 12 anos ingressou no jornal *O Diário* para escrever notícias esportivas. Pouco tempo depois, conseguiu um emprego em *A República* redigindo matérias sobre os desdobramentos dos conflitos da Segunda Guerra Mundial. Em ambos, o rádio era uma indispensável ferramenta de trabalho. O jornalista escutava os programas noticiosos sobre esportes e a guerra para, posteriormente, escrever para *O Diário* e *A República*.<sup>8</sup>

Aos 18 anos decidiu imigrar para o Rio de Janeiro com o intuito de prosseguir na carreira de jornalista. Disse ter se oferecido em diversas redações de jornais, mas conseguiu apenas uma vaga de repórter marítimo no *Correio da Noite*, periódico da Cúria Metropolitana da Igreja Católica. Sua função era interceptar os navios que chegavam ao porto da cidade para entrevistar personalidades que chegavam a capital.<sup>9</sup>

Nessa época, é provável que tenha conhecido Fidélis dos Santos Amaral Netto, colega de redação no *Correio da Noite*. Enquanto Murilo Melo Filho fazia as reportagens marítimas, Amaral Netto produzia a coluna internacional. Originário de Niterói (Estado do Rio), Amaral Netto apenas começou na imprensa após trabalhar em uma série de empregos nas mais diversas áreas. Foi aprendiz de piloto da Marinha Mercante, protocolista do Instituto Vital Brasil, funcionário do escritório de advocacia de seu pai e correspondente na firma de tecidos do sogro. Amaral Netto foi um dos profissionais recrutados por Carlos Lacerda para formar a equipe do *Tribuna da Imprensa*, jornal que fundara em 1949.<sup>10</sup>

Naquele tempo, Lacerda já havia se aproximado da Igreja graças aos seus laços de amizade com os políticos católicos Alceu Amoroso Lima e Gustavo Corção. Esses dois participaram ativamente do processo de fundação do *Tribuna* e fizeram parte do conselho consultivo responsável por garantir que o jornal mantivesse sua linha editorial de acordo com os preceitos de sua fundação. Tal preocupação tinha razão de ser pelo fato de ter sido fundado através de uma subscrição de ações disponibilizadas ao público (o que, portanto poderia possibilitar mudanças na linha editorial pela intervenção dos acionistas). Essas informações indicam uma justificativa plausível para Lacerda ter contratado Amaral Netto afinal, o *Correio da Noite* era o matutino oficial dos católicos.<sup>11</sup>

Alguns anos depois da fundação do *Tribuna*, Melo Filho disse ter recebido uma ligação de Lacerda o convidando para ser repórter. A oferta de emprego teria sido causada por suas reportagens como correspondente internacional do *Correio* na Europa. Essa pode ter sido a motivação, mas há que se considerar outros indícios da rede de relações na qual estava inserido o jornalista. Primeiro, a ligação

---

8 Murilo Melo Filho, *Depoimento* Centro de Cultura e Memória do Jornalismo (CCMJ), 2008. P. 02-03.

9 Filho, *Testemunho Político*. P. 117-118.

10 Renato Lemos, "Fidélis dos Santos Amaral Netto". In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.) *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

11 Dulles, *Carlos Lacerda. A vida de um lutador (1914-1960)*. P. 125-126.

já apontada entre políticos católicos com a direção do *Tribuna*, que poderiam influir na indicação do jornalista para Lacerda. Segundo, a presença de um antigo colega – Amaral Netto – na redação do *Tribuna*, fator que pode ter pesado positivamente para sua contratação. Terceiro, quando embarcou para Roma como correspondente do *Correio*, Melo Filho teve como companheiros de viagem os dons Hélder Câmara e José Távora, lideranças da Igreja do Rio de Janeiro que costumavam tomar as confissões de Lacerda.<sup>12</sup>

A proposta para trabalhar no *Tribuna* incluía um expressivo aumento salarial (de Cr\$ 1.200,00 para Cr\$ 2.500,00) e uma vaga na editoria de política. Melo Filho aceitou e passou a escrever para um dos departamentos mais engajados do *Tribuna* naquele momento. Getúlio Vargas havia sido eleito presidente à revelia dos constantes editoriais publicados por Carlos Lacerda clamando contra sua posse:

Eu ia entrar num jornal que se afinava muito com as minhas opiniões. Era um jovem muito idealista e trabalhar na *Tribuna da Imprensa* representava uma honra muito grande para mim. Eu me empolguei por todas aquelas causas que a *Tribuna* passou a defender. [...] Eu me engolfei nessas lutas todas com muito idealismo e dormia semanas inteiras na própria redação, em cima de jornais que recobriam as mesas. Era solteiro e muito lutador. Queria vencer na minha profissão e achei que aquela era uma grande oportunidade.<sup>13</sup>

O tempo do mandato de Vargas foi um período de sucessivas campanhas do *Tribuna* contra o governo. Talvez as duas mais relevantes tenham sido as denúncias contra o favorecimento do Banco do Brasil ao jornal concorrente *Última Hora* (1953) e a investigação policial-militar do atentado sofrido por Lacerda que terminou na morte do major-aviador Rubens Florentino Vaz (1954). Deste último caso se precipitaram os desdobramentos da crise institucional que se encerrou com o suicídio de Vargas em agosto daquele ano.<sup>14</sup>

Mas voltemos um pouco no tempo. Quando Adolpho Bloch fundou a revista *Manchete* (1952), o proprietário teria oferecido a Melo Filho a seção *Posto de Escuta*. Nela, o repórter político escreveu notícias sobre personalidades públicas. Bloch comandava até então uma gráfica e projetou *Manchete* para ser uma publicação de atualidades que fosse capaz de ocupar espaço em um mercado editorial de revistas até então protagonizado por *O Cruzeiro*, revista da cadeia jornalística de Assis Chateaubriand.<sup>15</sup>

Mais uma vez, a rede de relações profissionais de Melo Filho permite supor uma outra explicação para sua contratação. Caio Pinheiro foi um dos inúmeros jornalistas citados por Melo Filho em suas memórias dos tempos do *Tribuna*. Na edição de lançamento da revista *Manchete*, o expediente registra Pinheiro como redator-principal, um dos três cargos diretivos listados junto dos de

12 Sobre a viagem de Melo Filho ver: Filho, *Murilo Melo Filho (depoimento, 1998)*. Rio de Janeiro: CP-DOC/ALERJ, 1998. Sobre a conversão de Carlos Lacerda ao catolicismo e suas confissões ver: Dulles, *Carlos Lacerda. A vida de um lutador (1914-1960)*. P. 115-117.

13 Filho, *Murilo Melo Filho (depoimento, 1998)*. P. 06.

14 Alzira Alves Abreu e Fernando Lattman-Weltman, “Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954”. In: Ângela de Castro Gomes et al. *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará, 1994. P. 39.

15 Amorim, *O governo JK e a revista Manchete: a criação do mito dos anos dourados*. P. 15-16.

diretor-responsável e secretário. Logo, é possível que o convite feito tenha partido de Caio Pinheiro.<sup>16</sup>

Logo, Melo Filho passou a escrever para duas instituições de imprensa ao mesmo tempo. Seu caso não representava uma exceção, mas algo recorrente entre profissionais do campo da imprensa nos anos 1950. A título de exemplo, Amaral Netto, seu colega no *Tribuna*, disse ter trabalhado ou colaborado também para os jornais cariocas *Correio da Manhã*, *Diário da Noite*, *O Jornal* e para o paulista *Gazeta de São Paulo* entre os anos da primeira metade da década, ou seja, enquanto era também repórter do *Tribuna*.<sup>17</sup>

Em 1955, Melo Filho se tornou apresentador do programa ao vivo *Congresso em Revista* da *TV Rio*. A estrutura do programa era dividida em três partes. Primeiro, o jornalista comentava assuntos políticos ocorridos no decorrer da semana. Segundo, utilizava o *Diário do Congresso* para enumerar os deputados que haviam sido os mais ausentes das sessões parlamentares. E, por fim, realizava uma entrevista com algum deputado ou senador sobre o ambiente político brasileiro.<sup>18</sup>

No fim deste mesmo ano, Amaral Netto começou a mimeografar uma revista de nome *Maquis* com o objetivo de combater as ações militares executadas pelos generais Teixeira Lott e Odílio Denis. O inconformismo dele com o movimento armado que garantiu a posse de Kubistchek se explica por seu entrosamento com as posições políticas do seu chefe Lacerda. Dois anos antes, 1953, Amaral Netto havia criado a organização civil Clube da Lanterna para reunir apoiadores de Lacerda que, naquele momento, se lançava na campanha contra o jornal *Última Hora* e o Banco do Brasil.

A revista *Maquis* não contava com uma estrutura de produção como suas congêneres *O Cruzeiro* e *Manchete*. Amaral Netto conseguiu produzir apenas seis edições de *Maquis* nesse formato mimeografado que foram publicadas em datas incertas entre o final de 1955 e início de 1956. Para tanto, contou com a ajuda de seus companheiros do *Tribuna*. Melo Filho teria sido um de seus auxiliares na empreitada de *Maquis* entre 1955-56? Difícil saber, haja vista que não localizamos exemplares destas seis edições da revista. Também é provável que nelas não houvessem expedientes com os nomes dos seus produtores para evitar repressões das instituições de segurança comandadas por Lott e Denis durante a vigência do estado de sítio.

Em meados de 1956, Amaral Netto adquiriu espaços publicitários nos jornais *Diário Carioca*, *Diário de Notícias* e *Tribuna da Imprensa* para divulgar o lançamento oficial de *Maquis* e propagandear a campanha de subscrição de ações da revista no valor de Cr\$ 1.000,00 cada. Assim, o jornalista repetia a fórmula adotada por Lacerda para viabilizar seu jornal. Em 05 de agosto de 1956 chegou às bancas de jornal do Rio de Janeiro a edição n° 07 de *Maquis*: 48 páginas editadas em rotogravura em circulação quinzenal. A data e o número são carregados de um simbolismo que demarcava a linha editorial da revista. Naquele mesmo dia, dois anos antes, Lacerda sofria o atentado que lhe feriu e vitimou o major Vaz, dando azo para a crise final do governo Vargas. O número 7 representava o

---

16 Manchete, Rio de Janeiro. Ano: I. Edição: 0001. 26 de abril de 1952. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/2> Acesso em: 12/05/2021.

17 Kátia Iracema Krause, *O Brasil de Amaral Netto, o Repórter - 1968-1985*. (Doutorado em História). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2016. P. 31-32.

18 Filho, *Murilo Melo Filho (depoimento, 1998)*. P. 06.

passado “clandestino” de *Maquis* circulando durante o sítio militar. E, nessa edição de lançamento, o expediente registrou Melo Filho como um dos seus redatores.<sup>19</sup>

Em *Maquis*, o jornalista foi registrado no expediente de 1956 a 1960. Ocupou ao menos três funções na revista. Nos dois primeiros anos, atuou como repórter político publicando reportagens sobre parlamentares brasileiros. Entre 1957 e 1958, assinou por um curto período a página n° 12, espaço de humor político de *Maquis*. Por fim, sua fase final foi marcada pela produção da coluna *Parlamento & Política*. Concomitantemente, escrevia a seção *Posto de Escuta* – citada anteriormente – e outras reportagens políticas para *Manchete*. Esse trânsito por redações de revistas do Rio de Janeiro parece ter chegado ao fim em 1960 quando Melo Filho se mudou com sua família para Brasília com a missão de estruturar a sucursal de *Manchete*.

### Na redação de *Maquis*

A temática política atravessou os quatro anos de permanência de Melo Filho na revista *Maquis*. Sua estreia e matérias subsequentes podem ser entendidas como espécies de biografias de parlamentares brasileiros. Todos correligionários de partidos que faziam oposição ao governo Juscelino Kubistchek (Otávio Mangabeira, Raul Pilla e Mem de Sá). O fato dos dois últimos serem correligionários do Partido Libertador – o primeiro era da União Democrática Nacional – não interfere nessa constatação. Raul Pilla fundou o PL com o auxílio de um grupo de dissidentes udenistas, mas seu partido se manteve majoritariamente alinhado à UDN no campo legislativo durante o período democrático (1946-1964).<sup>20</sup>

Recuando para o ano de 1955, observamos que o Partido Libertador fez parte da coligação partidária (UDN/PL/PDC) que tentou eleger a chapa Juarez Távora/Milton Campos para presidente e vice nas eleições daquele ano. Foram derrotados por outra aliança, formada por PSD/PTB, e representada pelas candidaturas de Kubistchek e João Goulart. Em algum momento de suas trajetórias públicas, Mangabeira, Pilla e Mem de Sá – os “biografados” – haviam se posicionado contra o governo Vargas (1930-37) e/ou ao Estado Novo (1937-1945).<sup>21</sup>

As reportagens foram redigidas enfatizando o perfil idealista dos parlamentares. Mangabeira era um veterano da resistência à Vargas que nunca teria enriquecido se valendo de seus cargos eletivos. Raul Pilla simbolizava a obstinação de um homem que lutava para transformar o sistema político

---

19 Sobre a trajetória de Amaral Netto durante o governo Vargas, a criação do Clube da Lanterna e as origens da revista *Maquis* ver: Caio César Cuozzo Pereira, “*Maquis: um jornalismo de oposição. Origem e fundação da revista do Clube da Lanterna*”. Revista Outras Fronteiras, Cuiabá, vol. 7 n. 1, janeiro-junho de 2020.

20 Maria Victória de Mesquita Benevides, *A UDN e o udenismo. Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981. P. 26.

21 Sobre as biografias de Otávio Mangabeira, Raul Pilla e Mem de Sá recomendamos consultar o banco de dados do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV). Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/> Acesso em: 12/05/2021.

brasileiro através da adoção do parlamentarismo, apesar das sucessivas derrotas à sua emenda no Congresso. Mem de Sá apoiou a Revolução de 1930, mas aderiu ao levante armado paulista de 1932 almejando a promulgação de uma Constituição. As palavras de Melo Filho sobre Mangabeira ilustram como foram construídas essas reportagens:

Poucos, como ele, tem sofrido e lutado, ao longo de tantos anos, por um ideal que chamaríamos de democrático, se essa palavra não estivesse tão aviltada na boca de tantos demagogos e exploradores.

Poucos, como ele, terão conhecido a prisão, o exílio e as perseguições.

Poucos, como ele, poderão chegar aos 70 anos numa pobreza e numa honradez que desafiam os adversários mais rancorosos e fazem parar, diante de sua figura estadista e de homem de bem, os ataques mais atrevidos e ousados.

Poucos, como ele, podem hoje atirar à face da Nação o passado incorruptível da fidelidade a uma causa. Por ela, deu o melhor dos seus serviços. Por causa dela, foi exilado.<sup>22</sup>

Essa reportagem faz parte de uma edição da revista que chama atenção pelo destaque dado ao aniversário de um ano do suicídio de Vargas. A manchete de primeira página traz uma fotografia do ex-presidente acompanhada da frase interrogativa “quem matou Getúlio?” em letras garrafais. Essa capa se desdobra em um longo texto de seis páginas que argumenta que Vargas não poderia ter tomado atitude que tomou apenas pelas críticas da oposição em 1954. Ele seria um político calejado em conviver com a animosidade dos adversários. Logo, não poderia ter atirado contra si por causa disso. Para *Maquis*, foi a decepção em saber do suposto envolvimento de sua família em negócios ilegítimos que teria o levado ao ato final de sua vida.<sup>23</sup>

Pouco depois de completado um ano do governo Kubistchek, Melo Filho redigiu uma reportagem para *Maquis* sobre a bancada legislativa que dava o suporte necessário para a execução da política desenvolvimentista do presidente. O jornalista estabeleceu uma lista de 18 parlamentares que, no seu entendimento, eram honestos dentro do bloco da Maioria. Esse critério pressupõe que os outros políticos eram vistos como uma força que apenas votava de acordo com os interesses do governo. Três partidos foram considerados na matéria: Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), Partido Social Progressista (PSP) e Partido Social Democrático (PSD):

Há também no PSD, no PTB e no PSP, homens sérios e homens de bem.

Esta reportagem visa a justamente mostrar que MAQUIS não tem prevenção contra a Maioria do governo, em sim mesma, mas sim contra os que a desonram na ânsia das grandes negociatas, no afã de servir ao governo, na subserviência de humilhar-se aos “escalões superiores”, etc.

Vejam, pois, os leitores que também há deputados pessedistas, petebistas e ademaristas que merecem o nosso respeito e o nosso acatamento. O problema não é, assim de legenda, nem de partido.

22 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0008. 2º quinzena de agosto de 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/70> Acesso em: 12/05/2021. P. 27.

23 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0008. 2º quinzena de agosto de 1956. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/49> Acesso em: 12/05/2021. P. 05-11.



É um problema de homens de vergonha, dos quais apresentamos uma dúzia nesta reportagem.<sup>24</sup>

Focaremos os casos dos partidos de Kubistchek e Goulart. Dos cinco deputados do PTB destacados por Melo Filho, dois se estabeleceram como lideranças internas do partido que acabaram por entrar em rota de colisão com outros próceres petebistas. No Rio de Janeiro, Sérgio Magalhães criticou a forma como Lutero Vargas (filho do ex-presidente) controlava pessoalmente o diretório daquele estado. Esse personalismo do e no PTB também motivava o descontentamento de Fernando Ferrari. Eleito deputado pelo Rio Grande do Sul, ele encontrava em um diretório que já detinha duas lideranças consolidadas: João Goulart e Leonel Brizola. O primeiro era, inclusive, liderança máxima do PTB no plano nacional e vice-presidente da república. Ferrari fazia pressão no partido para que fosse aprovado um programa ideológico que mitigasse a prática personalista. Modificação que, na prática, atingiria diretamente a hegemonia de Goulart.<sup>25</sup>

O PSD foi a legenda mais explorada pelo jornalista na reportagem, totalizando dez deputados. Pode parecer que essa quantidade expressiva de correligionários do partido de JK signifique a falta de apoio interno ao presidente. Para entendermos a complexidade do jogo político, é preciso voltarmos para o momento da indicação de JK pelo PSD como candidato. Os diretórios do Rio Grande do Sul, Pernambuco e Santa Catarina não votaram a favor da nomeação. Formaram, assim, um grupo dissidente. Não à toa, quatro dos dez deputados citados eram filiados do diretório do Rio Grande do Sul.<sup>26</sup>

Entre abril e novembro de 1957 a revista *Maquis* atravessou a primeira crise que afetou a sua qualidade editorial. Esse problema supostamente foi resolvido e, a partir da edição n° 37, *Maquis* volta a circular em rotogravura. No espaço editorial desse número, a revista anunciou uma novidade ao público. O repórter Melo Filho assumira a elaboração da página n° 12:

Uma novidade, das várias que temos programadas para esta nova fase da nossa revista (mais uma vez em uniforme de gala), é a página 12. Agora ela terá um dono: Murilo Melo Filho, um dos melhores e mais bem informados repórteres políticos da imprensa brasileira.

A partir deste número 37 de MAQUIS, a página 12 terá uma personalidade e uma característica marcantes. Será uma página leve, humana, cheia de pitoresco, oferecendo aos nossos leitores fatos saborosos que, em geral, não são devidamente utilizados e explorados em nossa imprensa. Nesta edição, Murilo (foto) oferece a todos vocês o primeiro exemplo, a primeira amostra do que será, daqui para frente, a nossa página 12.<sup>27</sup>

Durante cerca de nove meses o jornalista produziu essa nova seção da revista. As características

24 *Maquis*, Rio de Janeiro. Ano: III. Edição: 0023. 2° quinzena de abril de 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/805> Acesso em: 12/05/2021. P. 37.

25 Maria Celina Soares d'Araújo, *Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-1965*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. P. 113.

26 Lúcia Hippolito, *De raposas e reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-1964)*. 2° Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2012. P. 154.

27 *Maquis*, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0037. 2° quinzena de novembro de 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/1447> Acesso em: 12/05/2021. P. 03.

editoriais da página n° 12 apontadas no texto editorial de *Maquis* podem ser condensadas na identificação deste espaço como um local de humor político que busca se apresentar como uma reprodução de “verdades” ouvidas pelo repórter em sua convivência diária com o campo político brasileiro. Corriqueiramente, os seus textos eram acompanhados por charges que ilustravam as notícias curtas apresentadas em cada edição. As anedotas de Murilo Melo Filho eram principalmente sobre deputados, senadores e membros do poder executivo. Dentre estes últimos, o general Teixeira Lott – então Ministro da Guerra – e o próprio presidente Kubistchek foram satirizados pelo jornalista. Na edição n° 39 há uma charge do militar vestido com uma camisa do Flamengo enquanto escuta um interlocutor ao telefone. No texto, Melo Filho escreveu um diálogo de um suposto torcedor rubro-negro que solicitava a Lott na ligação que ordenasse que os tanques ocupassem as ruas da cidade após uma derrota do time. Há, aí, uma piada sobre as ações militares de 1955 comandadas por Lott. Lembremos que Amaral Netto justificou a fundação de *Maquis* por seu inconformismo com a intervenção do Exército que garantiu a posse de JK.<sup>28</sup>

A execução do Plano de Metas também não escapou ao jornalista. Na edição n° 43, Murilo Melo Filho relatou ter presenciado um debate na Câmara dos Deputados entre os parlamentares da oposição e da situação. O texto enfatizou um aparte de João Meneses (PSD) em apoio às obras de pavimentação realizadas por Kubistchek dando como exemplo a rodovia Belém-Brasília. Assim sendo, o deputado defendeu que os feitos do presidente nessa área do projeto desenvolvimentista eram incontestáveis pois ele havia visto *in loco* vários quilômetros pavimentados da estrada. Todavia, Melo Filho chama atenção para um trecho da fala onde Meneses diz ter sobrevoado a área de construção. Segundo o jornalista, isso significaria que as rodovias de Kubistchek eram “[...] ótimas para quem as conhece... de avião”.<sup>29</sup>

O fim da página 12 sob comando de Murilo Melo Filho foi anunciado pela revista *Maquis* em sua edição n° 59. O repórter político havia comunicado à direção da revista que viajaria aos Estados Unidos para estudar técnicas de jornalismo televisivo que o auxiliassem na produção de *Congresso em Revista* na *TV Rio*. O anúncio não estabeleceu uma data para o retorno, apenas sinalizava a sua ausência naquele número e nas edições posteriores (nesse momento, a revista já havia deixado de ser quinzenal para ser semanal, parte de sua reestruturação possibilitada por uma campanha de aumento de capital pela venda de novas ações de *Maquis*).<sup>30</sup>

Cerca de um mês depois, o repórter voltava à *Maquis* no momento em que a revista adentrava em mais uma crise. O proprietário Amaral Netto culpava os aumentos no custo do papel-imprensa e da impressão pela queda na qualidade editorial. Desta vez, Murilo Melo Filho se tornou responsável por uma nova coluna, publicada agora nas páginas n° 04 e 05, que analisaria assuntos da política nacional. Se findava a fase do humor político para dar origem a outra, da coluna *Parlamento & Política*,

---

28 *Maquis*, Rio de Janeiro. Ano: II. Edição: 0039. 2° quinzena de dezembro de 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/1552> Acesso em: 12/05/2021. P. 12.

29 *Maquis*, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0043. 2° quinzena de fevereiro de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/1742> Acesso em: 12/05/2021. P. 12.

30 *Maquis*, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0059. 26 de julho de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/2501> Acesso em: 12/05/2021. P. 03.

a última fase do repórter em *Maquis*.<sup>31</sup>

Através das reportagens publicadas em *Parlamento & Política* se apreende que desde o ano de 1958 haviam em curso articulações nos principais partidos para definir as forças em disputa na sucessão de Kubistchek. A carta magna brasileira de 1946 não permitia reeleição. Assim, sobrava ao PSD algumas alternativas. O partido poderia tentar definir um novo candidato interno em convenção e buscar estabelecer alianças interpartidárias (como a que elegera JK) ou aceitar apoiar algum candidato que não fosse de suas bases. Para isso, era imperativo que se acreditasse que o escolhido detivesse uma força eleitoral expressiva e capaz de vencer o pleito de 1960. Desde a redemocratização do país o PSD vinha se mantendo no poder através dessas duas fórmulas (Dutra, Vargas e Kubistchek).

Na edição n° 75 de *Maquis*, Melo Filho fez um alerta aos leitores. Um deputado pessedista estaria redigindo uma emenda para a cúpula do partido que objetivava alterar a Constituição para permitir a reeleição de presidentes e governadores. Para o jornalista, se fazia necessária a vigilância da oposição para que o PSD não conseguisse angariar os dois terços de votos essenciais a aprovação da emenda. Em outro trecho da matéria, relatou que Kubistchek estaria trabalhando para unir parlamentares pessedistas em torno de si em troca da concessão de verbas, empregos e favores. Acusou JK de ter abandonado o partido e que só agora “[...] se lembrou que era pessedista”. É perceptível um certo sentido de contrariedade nessas duas partes da coluna *Parlamento & Política*. O mesmo PSD que supostamente estaria distanciado do presidente era o partido acusado de estar focado na tentativa de viabilizar sua reeleição.<sup>32</sup>

Quando o Ministro da Aeronáutica precisou viajar ao exterior, Lott assumiu a pasta interinamente. De acordo com o jornalista, essa alocação temporária teria sido aprovada por Kubistchek para testar se haveriam resistências ao general na FAB (e posteriormente, como candidato presidencial). A nomeação de Lott gerou diversas formas de manifestação contrárias na Força Aérea. Esse cenário foi avaliado por Melo Filho como uma prova de que a aspiração de Lott à presidência estava liquidada pois nem mesmo o Exército saiu em defesa do seu líder. O suposto teste endossado por JK foi então criticado:

O sr. Juscelino Kubistchek não se desculpa da imprudência que cometeu. Acha apenas que a ideia não foi sua. Limitou-se a aprová-la, embora hoje, ache que devia ter tido força suficiente para rejeitá-la, de saída, evitando as consequências que depois sobrevieram.

Os setores civis não perdoam ao presidente e a sua falta de presciência e da capacidade de antevisão dos fatos, reativando todo o processo de uma crise que já estava, de certo modo, superada e esquecida. No vórtice dessa crise, o presidente da República, que não lhe deu a menor importância nem atenção – viajando para Campina Grande e Brasília quando ela estava no auge – poderia muito bem ser tragado pelas ondas que fomentou e não conteve.<sup>33</sup>

31 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0063. 23 de agosto de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/2693> Acesso em: 12/05/2021. P. 03.

32 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0075. 15 de novembro de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/3270> Acesso em: 12/05/2021. P. 04-05.

33 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: IV. Edição: 0076. 22 de novembro de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/3318> Acesso em: 12/05/2021. P. 04-05.

Tensões nas Forças Armadas não eram uma novidade para o governo. Antes deste, ao menos dez episódios de instabilidade do período tiveram origem no militarismo. Essa constatação por si só não permite dizer que os militares formavam um campo de oposição a JK. Havia resistências, mas o presidente também conseguiu cooptar grande parte dos militares para seu projeto desenvolvimentista. Aliado a isso existia seu dispositivo de segurança formado por Lott no Ministério da Guerra e pelo controle do Departamento Federal de Segurança Pública, a instituição policial da capital. Com essa estrutura Lott conseguiu manter certo nível de coesão nas Forças Armadas. Há que se considerar também que no Exército existiam militares “novembristas”, ou seja, aqueles que participaram e/ou apoiaram as ações de Lott em 1955.<sup>34</sup>

A cobertura noticiosa da sucessão presidencial feita pelo jornalista não se restringiu ao partido de Kubitschek. As movimentações internas de petebistas e udenistas foram abarcadas em suas reportagens para *Maquis*. Como exemplificado anteriormente, o PTB estava vivendo um momento de ascensão de novas lideranças e algumas delas eram críticas ao que entendiam ser uma prática política personalista do partido. As eleições de 1958 complexificaram ainda mais esse quadro. Jânio Quadros se filiou ao PTB e obteve uma expressiva votação para deputado. Em São Paulo, o político também conseguiu eleger seu sucessor para o governo do estado. Assim, Quadros se projetava na política nacional como um forte candidato a se tornar o novo presidente do Brasil. A guinada de Quadros em direção ao PTB foi amplamente discutida pelo jornalista. De acordo com Melo Filho, os petebistas estariam se dividindo entre Goulart, Lott e Quadros. Havia ainda Fernando Ferrari, outro vitorioso nas urnas em 1958, que poderia ser alçado a vice em uma chapa liderada por Quadros. A conclusão de Melo Filho foi que Goulart cada vez mais se isolava politicamente. Por um lado, novas forças ameaçavam sua hegemonia na liderança petebista. Por outro, existiria um crescente distanciamento dele para com Kubitschek.<sup>35</sup>

A aliança que até então era um dos pontos vitais para a subsistência do governo JK realmente estava adentrando em um período de desgaste. O resultado do pleito de 1958 evidenciou uma expansão do PTB graças a uma derrocada do PSD. Até então, os pessedistas se perpetuavam como o centro de gravidade da política partidária brasileira. Aliado a isso, o PTB buscava capitalizar o protagonismo em defesa das reivindicações populares que eclodiam no período (com destaque para a questão do aumento do custo de vida gerado pela inflação), entrando em rota de colisão com alguns dos tradicionais interesses dos pessedistas.<sup>36</sup>

A UDN tinha seus próprios problemas a resolver. Os udenistas estavam prestes a votar para

---

34 Benevides, *O governo Kubitschek. Desenvolvimento econômico e estabilidade política*. P. 163-164.

35 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: V. Edição: 0082. 03 de janeiro de 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/3607> Acesso em: 12/05/2021. P. 05.

36 Segundo Benevides: “Assim, as eleições de 1958 já refletem importantes mudanças ocorridas ao nível socioeconômico que significam, ao âmbito regional, a queda da oligarquia agrária que até então detinha inquestionavelmente o poder, e, no âmbito nacional, a derrota da tradicional aliança PSD/PTB, em detrimento dos ‘coronéis’ e em favor da expansão do PTB”. Benevides, *O governo Kubitschek. Desenvolvimento econômico e estabilidade política*. P. 124.

escolher o novo presidente nacional da legenda após findado o mandato de Juraci Magalhães. Dois nomes figuravam como principais candidatos: Magalhães Pinto e Herbert Levy. Era ponto comum entre eles que a UDN deveria lançar Jânio Quadros à presidência do país em 1960. Entretanto, Juraci Magalhães discordava dessa proposta e possuía aliados que trabalhavam para a sua escolha como candidato udenista. A seu favor estavam os resultados favoráveis da UDN em 1958 e sua própria vitória para governador da Bahia. Indo além, Magalhães considerava poder contar com apoio do PSD em função de ser um político moderado que não esteve em combate constante com o governo JK.

Esses embates entre forças udenistas foram acompanhados por Melo Filho. Na edição n° 93 de *Maquis*, o jornalista opinou que a candidatura de Jânio Quadros deveria ser de oposição por dois motivos que se relacionavam ao período em que ele fora governador de São Paulo. Primeiro, Quadros teria sido um expoente na tentativa de organizar uma reação contra as ações militares de 1955 que empossaram JK. Segundo, teria hostilizado Kubistchek no decorrer dos últimos anos evitando manter contatos com o presidente. Como se vê, entre Juraci Magalhães e Jânio Quadros, o jornalista advogava pela escolha do último, ou seja, alguém que teria dado reiteradas demonstrações de desafeto à Kubistchek.<sup>37</sup>

E essa parecia ser a tendência entre a maioria dos correligionários presentes na convenção da UDN de março de 1959, com destaque para o deputado Carlos Lacerda. No evento, discursou contra Juraci Magalhães gerando reações deste na assembleia partidária. No início de abril de 1959, Melo Filho avaliou que a convenção udenista buscou reconhecer a importância de Magalhães na liderança da legenda, porém Jânio Quadros seria o preferido para a candidatura de 1960. Mesmo apresentando esse cenário favorável ao ex-governador paulista, encerrou a reportagem com um alerta:

Ao mesmo tempo em que destruíam suas aspirações presidenciais, os udenistas agradeciam-lhe os serviços. [...]

O tempo dirá se a candidatura do sr. Juraci Magalhães, na UDN, não será, dentro de poucos meses, uma simples lembrança do passado. Em seu lugar, veremos o sr. Jânio Quadros vestido com a camisa do time udenista.<sup>38</sup>

O contrário acabou sendo “dito” pelo tempo. Em fins de setembro de 1959 – praticamente faltando um ano para as eleições – o jornalista voltou a analisar as tentativas de Juraci Magalhães para ser o candidato udenista. Para Melo Filho, não existiam chances reais do político reverter o posicionamento de seu partido. Mas era preciso levar em consideração que a luta de Magalhães pela indicação poderia causar uma cisão na UDN que resultaria em mais uma derrota na corrida presidencial. A estrutura argumentativa dessa reportagem se assimila em muito com o discurso udenista noticiado pelo jornalista na edição n° 96. Os parágrafos iniciais conduzem o leitor para um inventário das conquistas de Magalhães enquanto presidente da UDN. Em sequência, busca evidenciar que mesmo

---

37 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: V. Edição: 0093. 21 de março de 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/4096> Acesso em: 12/05/2021. P. 06.

38 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: V. Edição: 0096. 11 de abril de 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/4214> Acesso em: 12/05/2021. P. 06.

assim era Quadros quem simbolizava a oposição que em tese o partido preconizava: intransigente quanto as políticas do governo Kubistchek. Indo além, Quadros seria o líder popular que a UDN sempre precisou – e nunca teve – para empolgar as camadas populares a votar no partido.<sup>39</sup>

A última reportagem de Melo Filho para *Maquis* foi publicada em 16 de outubro de 1959. Sua contribuição final foi na esteira das matérias anteriores, criticando a briga interna da UDN. O jornalista argumentava que esse cenário apenas favorecia JK e seus aliados em um momento que a oposição se mostrava como uma corrente ascendente que poderia rearranjar a equação de forças da política brasileira. Mantendo a linha de reconhecimento às qualidades de Magalhães, Melo Filho saiu novamente em defesa de Jânio Quadros:

Na realidade, é uma pena que tudo isto esteja acontecendo. Afinal de contas, os oposicionistas, após tanto tempo de adversidades e condições ingratas de lutas, encontram-se diante de uma oportunidade favorável para chegar ao poder.

A bandeira da legalidade e do populismo está nas mãos do candidato da UDN, que regressa ao Brasil em meio a estrondosas manifestações populares. Mas nesse exato momento surge um homem que tem realmente todos os predicados e direitos a ser o legítimo candidato udenista, pelos altos serviços que prestou aos udenistas e as suas causas.

O eleitorado fica naturalmente perplexo e confuso diante dessa disputa interna. [...].

Mais importante do que os homens, é o país. Mais permanente do que os partidos é a nação. Mais transcendente do que as rivalidades é a obrigação de derrotar os adversários comuns.<sup>40</sup> [Grifos meus].

Por fim, a página editorial de *Maquis* das edições seguintes não redigiu sequer uma palavra sobre a paralização da publicação da coluna *Parlamento & Política*. É possível que Melo Filho tenha escrito outras reportagens, afinal seu nome continuou sendo registrado no expediente da revista até março de 1960. Se o fez, foi sob anonimato, o que nos impossibilita a identificação. A simples exclusão do seu nome do expediente da revista a partir de abril parece revelar que a sua longa permanência na redação de *Maquis* havia atingido seu ponto final.

## Na redação de Manchete

Temos agora uma base sólida de evidências que, por intermédio de um exercício comparativo, podem auxiliar na confirmação da hipótese desse artigo. Inicialmente, é relevante acentuar que Murilo Melo Filho foi muito mais atuante em *Manchete* do que em *Maquis* no que tange ao volume de matérias assinadas no período compreendido entre 1956 e 1959. Na revista de Adolpho Bloch, o jornalista escreveu concomitantemente a coluna *Posto de Escuta* e reportagens temáticas acerca da

39 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: V. Edição: 0120. 26 de setembro de 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/5172> Acesso em: 12/05/2021. P. 04-05.

40 Maquis, Rio de Janeiro. Ano: V. Edição: 0122. 16 de outubro de 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/5253> Acesso em: 12/05/2021. P. 05.

política brasileira. Analisando o corpo documental podemos afirmar que há uma simetria entre os assuntos abordados pelo jornalista nas duas revistas – reportagens biográficas de políticos, situação do campo militar e política partidária (na maioria em relação à sucessão presidencial).

As reportagens no estilo biográfico são muito mais plurais em *Manchete*. Tiveram espaço também petebistas e pessedistas. Para os propósitos desse artigo, três reportagens merecem destaque (as com os políticos Amaral Peixoto, Armando Falcão e José Maria Alkmin). Esses personagens tem em comum suas atuações de direção no PSD no decorrer da presidência de Juscelino Kubistchek. Alkmin chegou a ter sua serenidade acentuada pelo jornalista por conduzir o Ministério da Fazenda mesmo convivendo com tensões políticas geradas pelo desenvolvimentismo.<sup>41</sup>

Uma pauta recorrente do jornalista foi a Escola Superior de Guerra (ESG), instituição educacional que ofertava cursos a oficiais e civis. Na edição n° 270, Melo Filho descreveu como a ESG era a responsável pela formação intelectual das elites do militarismo brasileiro. O problema seria que esses intelectuais tinham se dividido em duas correntes que se construíram como antagonicas nas Forças Armadas e que foram protagonistas em dois episódios de instabilidade política. São elas: os do “24 de agosto” e os do “11 de novembro”.

Leia-se: os que apoiaram a deposição de Getúlio Vargas na crise de 1954 e os que defenderam a posse de Kubistchek em 1955. No rodapé das duas primeiras páginas da reportagem, uma frase – editada em fonte maior do que a utilizada no texto – chama atenção por expor o objetivo da matéria. Melo Filho se propôs a “analisar o fenômeno” e não “profetizar suas consequências” para a democracia. Evitando estabelecer uma posição, percorreu a história da ESG e dos dois grupos para encerrar com uma constatação. Os antagonistas possuíam uma ideia motivadora comum, o nacionalismo, entendido como a defesa da sobrevivência nacional e da liberdade econômica do país. Por isso, o jornalista garantiu que não seria uma surpresa se em algum momento os adversários se reconciassem em prol deste ideal.<sup>42</sup>

Mais duas reportagens sobre a ESG foram publicadas pelo jornalista nas edições n° 279 e n° 387 de *Manchete* (dos anos de 1957 e 1959, respectivamente). Poucas são as diferenças entre as duas matérias. No geral, Melo Filho apresentou um panorama sobre como funcionavam os cursos e exaltou a dedicação dos alunos em estudar e analisar problemas sociais crônicos do Brasil (supostamente sem serem afetados pelos apelos emocionais do campo político). A instituição simbolizaria então um espaço de “camaradagem” onde militares e civis se uniam “buscando avidamente” soluções para questões que assolavam o país.<sup>43</sup>

O aprofundamento dos estudos do e no campo militar foi abordado também em uma reportagem sobre o setor de engenharia do Exército. Segundo Melo Filho, os engenheiros da Escola

---

41 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: VI. Edição n° 310. 15 de novembro de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/22382> Acesso em: 12/05/2021. P. 13.

42 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: V. Edição n° 270. 22 de junho de 1957. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/18787> Acesso em: 12/05/2021. P. 22-27.

43 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: VII. Edição n° 387. 19 de setembro de 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/30003> Acesso em: 12/05/2021. P. 45.

Técnica estariam progredindo no projeto de criação de um combustível que tivesse potência suficiente para lançar um satélite brasileiro a ionosfera. Isso significa que a matéria jornalística alçava o Exército a um lugar de evidência mundial em um contexto de polarização da corrida espacial entre as duas maiores potências militares do globo (EUA e URSS).<sup>44</sup>

A crise militar de 1958 - adjetivada pelo jornalista como um gesto de liquidação das pretensões presidenciais de Lott em *Maquis* - também foi noticiada em *Manchete*. A narrativa se desenvolveu praticamente pelo mesmo sequenciamento de argumentos visto na outra revista. O general ocuparia a pasta da Aeronáutica como uma forma de teste; Kubistchek não teria proposto a ideia e por isso não se responsabilizava pelos protestos dos aviadores. Só que em *Manchete* tanto Lott como JK não são abertamente criticados. Há até um parágrafo prestigioso ao militar pelo seu pragmatismo diante da situação, evitando cisões nas Forças Armadas:

No Rio, o General Lott procurava controlar a situação do melhor modo possível. [...] A um deputado que sugerira a extinção da FAB, o General escreveu uma carta, discordando da ideia e fazendo grandes elogios à Aeronáutica. [...]

O General Lott recusou-se, entretanto, a admitir um estado de crise na FAB. Preferiu entender que se trata de casos isolados de indisciplina, cuja solução particular pode ser facilmente encontrada nos dispositivos regulamentares. “O mais é onda de um ou outro jornal interessado na confusão”.

O movimento, na Aeronáutica, de certa forma, fora contido, após cinco dias de ampliação, através do isolamento dos bolsões de rebeldia.<sup>45</sup>

Observando as reportagens citadas, se percebe que esta última é a que mais oferece indícios evidentes da adaptação da escrita do jornalista a partir do lugar de onde ele fala. Se, por outro lado, a maioria não aparentam caminhar nesse sentido no que concerne ao elemento textual, as pautas que as motivaram o fazem. As três reportagens sobre a Escola Superior de Guerra e a outra acerca da Escola Técnica de Engenharia do Exército são exaltações - de certa forma indiretas - a uma disposição do governo Kubistchek em fortalecer seus laços com o militarismo através de financiamentos públicos. Na configuração hierárquica institucional militar, a ESG estava subordinada ao Estado Maior das Forças Armadas (EMFA) que respondia diretamente ao presidente da República e não ao Ministério da Guerra. Cabe recordar que, em 1955, Lott precisou consultar o então presidente em exercício Carlos Luz para ter autorização para punir o coronel Jurandir Mamede, na época professor da ESG.

O EMFA participou de todos os grupos de trabalho criados por Kubistchek para viabilizar a execução do projeto desenvolvimentista. Esses intelectuais militares possuíram um papel de destaque nos estudos de temas como transportes, energia e comunicação (que ocupavam grande parte das metas estabelecidas no plano dos “50 anos em 5”). À reboque, a ESG mantivera seu prestígio e ainda ampliou sua área de atuação através da criação de dois novos cursos: Mobilização Nacional e Informação.

---

44 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: VI. Edição n° 343. 15 de novembro de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/25641> Acesso em: 12/05/2021. P. 28-31.

45 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: VI. Edição n° 344. 22 de novembro de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/25739> Acesso em: 12/05/2021. P. 10.



Como se vê em *Manchete*, Melo Filho chamou a atenção do público para um corpo militar que se desenvolvia graças ao mecanismo de cooptação executado por Kubistchek.<sup>46</sup>

Obviamente poderiam existir aqueles que era críticos ao governo e tinha postos de trabalho no EMFA, na ESG ou na Escola Técnica. Recorrentemente mostramos que a falta de coesão militar foi uma das principais questões do período. Porém não se pode ignorar que essa política financista de JK para o militarismo foi bem-sucedida em seu objetivo de evitar um possível colapso no jogo democrático. Indo além, vale lembrar as palavras de Melo Filho em uma de suas matérias sobre a ESG: um espaço de “camaradagem” que podia muito bem funcionar para reconciliar as duas facções antagônicas das Forças Armadas. Isso não ocorreu, mas não deixa de ser evidente a sintonia da reportagem com o discurso desenvolvimentista de JK que se dizia mais preocupado em solucionar os problemas nacionais.

Nas duas edições seguintes de *Manchete*, encontramos críticas do jornalista à JK e Lott. No n° 345 da revista, foram editadas duas fotografias acima do título “*Brasília demonstra que o impossível aconteceu*”. Na da esquerda, uma imagem aérea das obras em execução da nova capital. Na da direita, Kubistchek aparece desembarcando de um helicóptero. A reportagem ocupou cinco páginas de *Manchete* e parte dela é composta por uma entrevista do presidente à Melo Filho (somadas a mais quatro fotografias aéreas das construções). O ponto central é a celeridade das obras, evidenciando que Brasília deixaria de ser uma ideia para se tornar uma realidade em breve. A reportagem segue nesse ritmo até o último parágrafo, quando ocorre uma mudança no tom. O jornalista foi taxativo: “certo é que a atual geração terá de pagar um preço alto para que os brasileiros do futuro possam, com a interiorização do país, usufruir do progresso que aos brasileiros do presente se oferece com um grande e penoso sacrifício”.<sup>47</sup>

Já o general Lott teve um de seus discursos rechaçado pelo jornalista. Ao receber comitivas de civis, deputados, jornalistas, militares e senadores que foram lhe felicitar por seu aniversário, o ministro solicitou aos congressistas que discutissem um projeto de lei sobre a liberdade de imprensa. Lott estava processando judicialmente o *Diário de Notícias* por entender que o jornal infringiu a Lei de Segurança Nacional durante a cobertura feita dos recentes protestos na Aeronáutica (1958). Assim sendo, o jornalista defendeu que a manutenção da “integridade” do *Diário* era necessária para uma imprensa livre e “sem mordanças”.<sup>48</sup>

A crítica à política econômica do governo foi mitigada em reportagens do jornalista nas edições n° 355, 364 e 380 de *Manchete*. Utilizaremos a primeira como exemplo, pois tudo indica que essa foi uma das matérias citadas por Kubistchek em suas memórias (a qual fizemos alusão no início deste artigo). Em “*Terra, mar e ar nas metas de JK*” um amplo repertório fotográfico mostra indústrias, estradas, aviões e obras em andamento. O texto faz um balanço das metas desenvolvimentistas em números. Quando fala da inflação, Melo Filho mantém o argumento sobre a oneração do custo de vida, mas garante que o presidente não paralisaria o progresso nacional para combater a corrosão

46 Benevides, *O governo Kubitschek. Desenvolvimento econômico e estabilidade política*. P. 186.

47 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: VI. Edição n° 344. 29 de novembro de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/25866> Acesso em: 12/05/2021. P. 26.

48 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: VI. Edição n° 346. 06 de dezembro de 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/26065> Acesso em: 12/05/2021. P. 109.

dos salários. E, no *lead* da matéria, o jornalista diagnosticou que JK tinha certeza de que conseguiria terminar o seu mandato.<sup>49</sup>

Sobre o discurso do general Lott, devemos ter em consideração que a liberdade de imprensa era um ideal que fazia parte do repertório de valores que constituíam o *ethos* jornalístico criado pela imprensa e para a imprensa. Através dele, o campo se afirmava como essencial para o bom funcionamento da democracia. Alguns embates anteriores entre o governo e a imprensa já haviam ocorrido, como durante a permanência do estado de sítio pós-novembro de 1955 que previa a censura aos jornais. Nessa época, o *Correio da Manhã* se rebelou contra o controle das edições e publicou matérias criticando Kubistchek. Antes disso, o jornal de Paulo Bittencourt tinha protagonizado uma campanha pela posse do presidente.<sup>50</sup>

Dito isso, é possível entender porque o processo contra o *Diário de Notícias* e o apelo de Lott por uma lei de imprensa suscitaram reação de Melo Filho em *Manchete*. Parece que o jornalista foi alarmado pela fala do militar propor a criação de algo que pode atingir um dos princípios basilares do seu campo – a liberdade. Nesse caso, o sentimento de pertencimento se sobrepõe ao que até então vinha sendo a conduta do jornalista em *Manchete* sobre a atuação de Lott como agente do governo JK.

Em 1959, o tema das articulações partidárias ocupou boa parte das reportagens escritas pelo jornalista. Foram feitas diversas entrevistas com atores políticos envolvidos nos debates, tais como: Armando Falcão, José Maria Alkmin, Oswaldo Aranha, Jânio Quadros e Teixeira Lott. Tanto Alkmin quanto Falcão negaram peremptoriamente qualquer tratativa parlamentar no intuito de modificar a Constituição para tornar legal a reeleição de Kubistchek. Ao ser questionado sobre a possibilidade de um novo levante militar pós-eleição, Alkmin garantiu que o presidente entregaria o cargo para quem quer que fosse eleito.<sup>51</sup>

Os contextos histórico e conjuntural explicam a apreensão quanto à sucessão (observada na pergunta do jornalista a Alkmin). Em 1951, Vargas tomou posse mas não terminou o seu mandato. Em 1955, Kubistchek foi eleito, porém só pode assumir o cargo graças à intervenção dos militares. Já em 1959, o cenário indicava que Jânio Quadros concorreria pela oposição – e com apoio popular – contra um adversário que simbolizava o Exército e a aliança tradicionalmente exitosa de PSD-PTB (Lott). Mesmo uma vitória de Quadros, ironicamente, seria uma conquista de Kubistchek, caso ele fosse capaz de fazer a transmissão do cargo de maneira pacífica.

Nessa linha, a edição nº 388 da revista *Manchete* estampou em letras garrafais a frase “O GOVERNO DÁ AS COSTAS AO GOLPE”, título da reportagem de Melo Filho. A matéria buscou demonstrar que havia um sentimento de coesão entre as forças governistas para combater qualquer tipo de ameaça golpista à democracia. O jornalista anunciou também que Magalhães Pinto, presidente

---

49 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: VII. Edição nº 355. 07 de fevereiro de 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/26894> Acesso em: 12/05/2021. P. 06-11.

50 Flávia Millena Biroli Tokarski, *Com a corrente: modernidade, democracia e seus sentidos no jornalismo brasileiro dos anos 1950*. (Doutorado em História). São Paulo: UNICAMP, 2003. P. 282-283.

51 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: VII. Edição nº 368. 09 de maio de 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/28177> Acesso em: 12/05/2021. P. 74.

da UDN, tinha se solidarizado e prometido o apoio do seu partido caso fosse necessário defender a legalidade. Ao lado do texto, *Manchete* adicionou uma fotografia de Kubistchek, Goulart e Lott conversando aparentemente de forma harmoniosa.

Ao longo dos últimos quatro anos, o golpe esteve em recesso, mas não propriamente esquecido. [...]

Só não eram perigos concretos porque o país ainda estava longe das eleições. A chamada bandeira da legalidade, empunhada pelo candidato vitorioso, não caíra das mãos do presidente eleito, que a sustentava ao preço de muita obstinação.

Muita coisa, porém, aconteceu nesse meio tempo. Os votos transferiram-se de uma área para outra. Logicamente, golpistas e legalistas iriam trocar de campo. Pois golpe só interessa a quem não pode pensar em urna.

A denúncia veio do Governo, em forma de nota oficial, após uma reunião dos seus dispositivos militares e policiais de segurança [...].

O governo aconteceu com uma segunda nota oficial para explicar a primeira e assegurar que o Sr. João Goulart nem de longe poderia ser incluído entre os conhecidos agitadores. O Presidente da República, almoçando no Ministério da Guerra, declarou que confiava no Exército para a tranquilidade da digestão sucessória. [...]

Poucos dias antes, em Belo Horizonte, o presidente da UDN afirmara que seu partido estava disposto a ombrear com o governo na defesa da ordem. Tanto reconhecia os perigos comuns que aconselhava uma frente única para a preservação de comuns interesses.

Essa barragem conjunta parece ter detido a onda golpista, que refluíu para as nascentes. O governo deu-lhe as costas, certo de que a maré baixou as águas e ele reencontrou tranquilas correntes. Não falta porém, quem veja nesse transitório marasmo o tempo necessário para que a pororoca despenque.<sup>52</sup>

No fim, Melo Filho não descartou que poderiam eclodir novas oscilações na política. E por isso suas últimas reportagens para *Manchete* no ano de 1959 são salutares. Em entrevistas com os dois principais candidatos – Teixeira Lott e Jânio Quadros – o jornalista abordou a questão da estabilidade democrática e evidenciou como ambos estavam seguros de que o resultado das urnas seria respeitado. Assim, mostrava que o regime estava atravessando um período de estabilidade com JK.

## Considerações finais

Tentar entender como funcionavam os critérios de um jornalista para a escrita de reportagens é uma tarefa complexa. Ainda mais quando o profissional focado apresenta um histórico tão diversificado, participando de redações de linhas editoriais aparentemente antagônicas ao mesmo tempo. Fazendo uma reflexão panorâmica sobre a carreira de Murilo Melo Filho, observamos que esse contexto de atuação se perpetuou ao longo da segunda metade da década de 1950.

---

52 *Manchete*, Rio de Janeiro. Ano: VII. Edição n° 388. 26 de setembro de 1959. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/004120/30135> Acesso em: 12/05/2021. P. 76.

Em *Maquis*, sua escrita jornalística foi marcada pela ênfase a assuntos relacionados à oposição – principalmente da UDN e do PL – e por críticas ao governo Kubistchek. No caso dos udenistas, Melo Filho acompanhou rotineiramente as movimentações do partido relacionadas à sucessão presidencial e muitas vezes lamentou a iminência de cisões internas que pudessem minar a escalada da UDN para a presidência com Jânio Quadros. Em relação ao governo JK, as reportagens do jornalista estão em sintonia com a política editorial de *Maquis* preconizada por Amaral Netto. Insatisfação perante a situação política do momento, aversão às ações militares de 1955, críticas ao general Lott e denunciamento quanto à tentativa de reeleição de JK são elementos constitutivos tanto do repertório de *Maquis* quanto de Melo Filho.

Críticas ao governo JK também se encontram nas suas reportagens em *Manchete*, mas é preciso fazer uma ressalva. A quantidade de matérias jornalísticas elogiosas ao presidente ou ministros seus – seja de forma aberta ou velada – se sobrepõe aos esporádicos lampejos de oposicionismo do jornalista. Reportagens sobre as obras de Brasília, o desenvolvimento técnico-científico do Exército, a disposição do governo de defender a ordem institucional e respeitar o resultado do processo sucessório formam uma imagem sobre o período JK em *Manchete* muito diferente daquela formatada em *Maquis*.

Uma possível explicação para esse cenário são os diferentes espaços de onde o jornalista estava escrevendo. Analisando sua trajetória em *Manchete* é possível considerá-lo como um agente participante da construção da imagem positiva de JK. Se o objeto for *Maquis*, teremos um jornalista engajado no combate ao então presidente. Alguma perspectiva estaria errada? Acreditamos que não. São faces de uma mesma moeda que, ao se olhar para um lado, não se vê o outro. Seguindo a trilha do agente pelas instituições pudemos demonstrar que o *lugar de onde se fala* foi determinante para estabelecer diferenças em *como se constrói* a escrita das reportagens produzidas pelo jornalista Murilo Melo Filho em *Maquis* e *Manchete*. Ou seja, a linha editorial de cada revista influenciou na escrita do jornalista. Em memórias sobre o período, prevaleceu o seu trabalho pela revista de Adolpho Bloch na construção da idealização dos “anos dourados”.